

ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NOS ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO CRAS¹

Priscila Costa Prestes de Sousa²

Acadêmica do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Universidade Federal do Pará (UFPA), turma de 2013

Jéssica Ribeiro de Oliveira³

Acadêmica do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Universidade Federal do Pará (UFPA), turma de 2013

Joatan Soares de Sousa⁴

Mestrando em Educação da linha de pesquisa “Educação, Cultura e Linguagem”. Universidade Federal do Pará (UFPA), turma de 2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ- CAMPUS TUCURUÍ
camtuc.sd@gmail.com

RESUMO: O presente artigo tem quão grandemente reflexões sobre como está inserido o pedagogo num mercado de trabalho cada vez mais diversificado e amplo. Neste enfoque visa discutir/analisar o papel do pedagogo além da escola, descrevendo a vivência do Estágio Supervisionado em: Ambientes não escolares, refletindo sobre as atividades desenvolvidas e o aprendizado prático-teórico, bem como a atuação do pedagogo nesses espaços, além de apresentar-se o projeto de intervenção. Deste modo para a realização do Estágio escolhemos como ambiente o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) - Aída Damasceno, situado no bairro Mangal na cidade Tucuruí-PA e a metodologia da pesquisa baseou-se em pesquisa de campo e revisão da literatura.

Palavras-Chave: Estágio supervisionado. Atuação. Pedagogo. CRAS.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente percebe-se que o Pedagogo está inserido num mercado de trabalho cada vez mais diversificado e amplo. Neste enfoque o presente artigo visa discutir/analisar o papel do pedagogo além da escola, descrevendo a vivência do Estágio Supervisionado em: Ambientes não escolares, refletindo sobre as atividades desenvolvidas e sobre o aprendizado prático-teórico. Para realização do Estágio escolhemos como ambiente o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) - Aída Damasceno, situado no bairro Mangal na cidade Tucuruí-PA. Assim Libâneo, filósofo e educador fazem vários questionamentos sobre o que vem a ser o pedagogo e define:

[...] O *pedagogo* é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação humana previamente definidos em sua contextualização histórica. (LIBÂNEO, 2001, p. 11).

Libâneo (2001, p. 12) ressalta: “O curso de Pedagogia se destina a formar o pedagogo-especialista, isto é, um profissional qualificado para atuar em vários campos educativos, para

¹ Trabalho curricular

² Autora

³ Co-autora

⁴ Orientador

atender demandas socioeducativas (de tipo formal, não-formal e informal) [...]”. Ou seja, em várias dimensões, como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor, etc. (GOHN, 2006). Nisto percebe-se antes um profissional que só atuava na escola como docente, hoje tem se um olhar diferente, um profissional especializado nas questões socioculturais, podendo realizar trabalhos prazerosos, que levem a autoestima, construindo novos laços de amizade nos espaços não formais onde sua atuação contribui positivamente. Nessa nova perspectiva o pedagogo é o profissional que vem contribuir com a aquisição de saberes e modos de ações com bases em objetivos da formação humana podendo mesmo cogitar-se com as pessoas excluídas, marginalizados ou em situação de risco.

Consequentemente o objetivo é relatar uma experiência ocorrida no trabalho desenvolvido pela pedagoga do CRAS – Aída Damasceno, localizado na cidade de Tucuruí-PA. A intenção deste relato é promover reflexões acerca dos caminhos possíveis no papel do pedagogo, fornecendo exemplo de sua atuação no espaço não-escolar, durante o estágio supervisionado, a oportunidade de acompanhar as atividades exercidas pela pedagoga, possibilitando recolher relatos sobre sua função no CRAS além de compreendermos a função do pedagogo em ambiente não escolar.

2. DADOS DA IDENTIFICAÇÃO/ CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Como citado anteriormente à atuação do pedagogo em ambientes não escolares se intensificou nas últimas décadas, consequentemente percebe-se a necessidade da inserção do pedagogo nesses espaços já que os mesmos abrangem conhecimentos pedagógicos, pertinentes a uma prática diferenciada no acesso de aprendizagem. Sobre esse ponto de vista Libâneo (2006, p.7) afirma que os trabalhos pedagógicos e políticos dos educadores não estão restritos a sala de aula, mas a um contexto complexo e de formação geral:

Todo trabalho docente é trabalho pedagógico, mas nem todo trabalho pedagógico é trabalho docente. Um professor é um pedagogo, mas nem todo pedagogo precisa ser professor. Isso de modo algum leva a secundarizar a docência, pois não estamos falando de hegemonia ou relação de precedência entre campos científicos ou de atividade profissional. Trata-se, sim, de uma epistemologia do conhecimento pedagógico. (...). Precisamente pela abrangência maior do campo conceitual e prático da Pedagogia como reflexão sistemática sobre o campo educativo, pode-se reconhecer na prática social uma imensa variedade de práticas educativas, portanto uma diversidade de práticas pedagógicas. Em decorrência, é pedagoga toda pessoa que lida com algum tipo de prática educativa relacionada com o mundo dos saberes e modos de ação, não restritos à escola. A formação de educadores extrapola, pois,

o âmbito escolar formal, abrangendo também esferas mais amplas da educação não-formal e formal. Assim, a formação profissional do pedagogo pode desdobrar-se em múltiplas especializações profissionais, sendo a docência uma entre elas. (LIBÂNEO, 2006, p.7)

Com essa afirmativa, fica evidente a formação do pedagogo voltada para a perspectiva social. Desta maneira, a ação pedagógica em ambientes não escolares relaciona-se com a pedagogia social, na qual é indispensável uma educação constituída por conhecimentos que respeitem as diferenças culturais e sociais dos sujeitos. Com essas práticas pedagógicas, a pedagoga se apropria do contexto social de seu público alvo, desenvolvendo com eles uma relação de afetividade, confiança e cumplicidade, essenciais para concretizar os objetivos pedagógicos da área social.

E em continuidade sobre o CRAS⁵ o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome aborda como uma unidade pública estatal descentralizada da política de assistência social sendo responsável pela organização e oferta dos serviços socioassistenciais da Proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) nas áreas de vulnerabilidade e risco social dos municípios e DF.

Desta forma o CRAS - Aída Damasceno, localizado no bairro do Mangal teve como inauguração em 2010 funcionando, inicialmente, como PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil). Em 2007, por conta das dificuldades existentes no bairro e a centralização de atividades na sede da Secretaria Municipal da Criança e Ação Social – SEMCAS houve a necessidade de ampliar o atendimento com a implementação do CRAS, atendendo os bairros: Mangal; Alto Alegre; Beira Rio; Jardim Paraíso e Castanheira.

O mesmo é contemplado por salas amplas, auditório, refeitório, salas de direção e assessoria pedagógica, brinquedoteca entre outros cômodos que facilitam os trabalhos desenvolvidos pelos profissionais que atuam na instituição. O CRAS atualmente conta com 28 servidores, entre eles: uma coordenadora, uma pedagoga, uma assistente social, uma psicóloga, monitores atendentes, zeladores, cozinheiras, vigia e entre outros.

De acordo com relatos a missão do CRAS- Aída Damasceno é fortalecer o vínculo familiar dos moradores de bairros circunvizinhos através de projetos de inclusão social e prestação de serviços assistenciais. Atualmente, estão em desenvolvimento 7 projetos que atende desde a gestante até o idoso. Segue a lista dos projetos com suas respectivas faixas-etárias: ESTOU CHEGANDO: para as gestantes; SEMENTINHAS: para crianças na faixa etária 2 – 6 anos;

⁵Centro de Referência da Assistência Social – CRAS. Disponível em: <<http://www.assistenciasocial.al.gov.br/programas-projetos/protecao-social-basica-1/cras-paif.>> Acessado em: 09 de setembro de 2016.

CRESCER FELIZ: para crianças na faixa etária 7 – 11 anos; NÓS OS JOVENS: para adolescentes e jovens na faixa etária 12 – 14 anos; FORÇA JOVEM: para adolescentes e jovens na faixa etária 15 – 17 anos; MULHERES EM AÇÃO: para as mães das “sementinhas” e SABER VIVER: para os idosos acima de 60 anos.

Segundo a pedagoga do local, que trabalha 4 horas diárias, sua atribuição é planejar os projetos juntamente com a equipe técnica enfatizando a gestão participativa; buscar e receber os participantes dos projetos; planejar e executar as atividades educacionais, acompanhar o rendimento escolar em ação conjunta com a Secretaria de Municipal de Educação e Cultura entre outras atividades. Ainda segundo a pedagoga atuante no CRAS, os desafios encontrados em sua maioria dizem respeito à aceitação familiar em participar dos projetos e pelas frustrações de não atingir 100% dos objetivos do projeto, que é, principalmente, fortalecer o vínculo familiar incluindo socialmente as pessoas que estão em vulnerabilidade socioeconômica.

Dentre essas realidades podemos aqui citar, a situação da adolescente “A” de 12 anos, aos relatos informa que sua mãe foi presa por tráfico de drogas, por isso a mesma precisou ir morar com sua tia que por sua vez precisa se ausentar de casa por longos períodos para acompanhar sua filha à capital para o tratamento de câncer. Outro relato é do adolescente “B” de 13 anos que estar correndo sério risco de ingressar no mundo das drogas ilícitas, pois refere conviver/circular com pessoas que tem este envolvimento, e em um de seus depoimentos em sala conta: “já me ofereceram um celular e 100.00 reais para eu ficar vigiando quando a polícia chegar e avisar pros caras lá embaixo, mas eu não quis”.

Esses são apenas alguns relatos dos casos de adolescente que são atendidos, esse atendimento ocorre uma vez por semana, com a duração de duas horas. E para esse atendimento a pedagoga juntamente com sua equipe de profissionais procura promover o resgate dos valores “perdidos”.

Deste modo em prioridade de trabalhar a necessidade dos grupos, intervindo e orientando em relação à problemática vivenciado das realidades desse grupo de adolescente, elaboramos o nosso projeto, na perspectiva orientar e auxiliar em suas condutas e decisões diárias. Diante as observações, durante este estágio, especificamente aos adolescentes ao quais foram feitas a intervenção, percebe-se a complexibilidade de suas realidades quanto à vulnerabilidade social, ociosidade e desestruturação familiar.

3. ESTÁGIO: DA OBSERVAÇÃO À INTERVENÇÃO

Após os três dias observando as atividades executadas com as crianças e adolescentes atendidos pelo CRAS – MANGAL percebeu-se a necessidade de intervenção no que diz respeito ao uso das drogas ilícitas, além do grande índice de casos registrados de adolescente envolvidos com o tráfico e uso de drogas ilícitas ao redor do centro foi realizado o planejamento do projeto de intervenção intitulado “Educando contra as drogas: informar para prevenir”, com o objetivo de prevenção e alerta para tais fatos. Inicialmente, como proposta, foi elaborado um projeto com o objetivo de promover o conhecimento dos adolescentes sobre os riscos do uso indevido das drogas e os danos causados por ela, seja no organismo, bem como no âmbito psicológico e no social.

O projeto contou com a aprovação da pedagoga atuante no local. A profissional supervisionou o projeto em cada etapa da execução. O que possibilitou identificar diversos problemas enfrentados pelos participantes. Além da pedagoga, o projeto contou com a participação de seis estudantes do curso de pedagogia da Universidade Federal do Pará – UFPA, cerca de 20 adolescentes com faixa etária de 11 a 14 anos com expressiva vulnerabilidade ao envolvimento do tráfico e uso de drogas.

3.1. O PROJETO

O projeto conteve com 03 (três) momentos: o primeiro momento houve uma roda de conversa, com apresentação do tema a ser trabalhado e dos participantes. De modo a promover o envolvimento dos adolescentes com os estagiários, permitindo um elo de confiança e ao mesmo tempo diagnosticando o conhecimento prévio dos adolescentes sobre o tráfico, o uso de drogas e os danos causados. No segundo momento foi repassado pelos estagiários aos adolescentes, informações acerca do uso das drogas e os danos que causam no organismo, no psicológico e social; promovendo a reflexão sobre as consequências como: problemas familiares, tráfico, criminalidade, violência e a própria discriminação na sociedade. Implicando o desenvolvimento da conscientização, ou seja, da capacidade de refletir, analisar e decidir sobre seus atos.

Já ao terceiro momento houve uma produção de texto anônimo relatando suas experiências individuais, coletivas e convívio familiar. Foi realizado o momento de tirar as dúvidas complementando-se com um vídeo ao qual que expunha uma carta de arrependimento de um jovem drogado ao pai, onde retrata a realidade de muitos adolescentes envolvidos com as drogas.

E concluímos com a intervenção, desenvolvendo uma dinâmica chamada de “teia de aranha”, no qual dispõe que os participantes formassem um círculo, em seguida o coordenador tomava nas mãos um novelo de lã ou rolo de barbante e prendesse a ponta do mesmo em um dos dedos de sua mão, e assim pedimos para que os adolescentes relatassem a importância daquele

momento para seu aprendizado, dessa forma cada um atirou o novelo adiante, no final houve no interior do círculo uma verdadeira teia que une uns aos outros e na qual propusemos sobre as nossas vidas como estão interligadas, e adiante interrogamos sobre o que aconteceria se um deles soltasse seu fio? Em fim repassamos que precisamos um do outro e sendo assim devemos redobrar a nossa atenção em tudo que fazemos, pois, uma atitude mal pensada pode ser prejudicial. Nisto percebeu-se a satisfação na participação dos adolescentes, pois puderam expor seus anseios e posicionamento com relação às drogas e ao projeto.

4. CONCLUSÃO

Elencar as temáticas socioeducativas dentro de um contexto não escolar em específico ao CRAS – Centro de Referência Assistência Social estamos garantindo uma análise sucinta das problemáticas que envolvem inúmeras crianças que participam desse projeto, que tem como princípios base: as garantias de preceitos familiares sobre tudo embasados no bom convívio entre indivíduos. Assim como futuros pedagogos verificamos que o ambiente no qual tivemos a oportunidade de desenvolver nossa intervenção, esta condicionada a uma construção continua de valores éticos e morais, que estimulam a aprendizagem, e inevitavelmente pautam elementos importantes para a construção crítica e ideológica daqueles indivíduos, além de proporcionar uma análise precisa dos cenários socioculturais e socioeconômicos dos mesmos, e acima de tudo proporcionar um despertar de práticas diferenciadas de suas realidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>. Acesso em: 24 de setembro de 2016.

LIBANÊO, J. C. Diretrizes curriculares da Pedagogia: imprecisões teóricas e concepção estreita da formação profissional de educadores. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 27, n. 96 - Especial, p. 843-876, out. 2006. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/es/v27n96/a11v2796.pdf> Acesso em: 24 de setembro de 2015.

LIBÂNIO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos inquietações e buscas. **Educar em Revista**, n.17, 2001. Curitiba. UFPR. p. 153-176. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/88956668/Pedagogia-e-Pedagogos#scribd>> Acesso em: 24 de setembro de 2015.